

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO: MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 15, QUAI VOLTAIRE

Direcção todos os postos de assignatários e armazéns
enviados em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 15, quai
de Voltaire, Lisboa; e no Brasil, ao ex. José de
Mello, 38, rua da Quintana, Rio de Janeiro.

Prior da unidade à Paris, 1 franc.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — N.º 5

PARIS, 5 DE MARÇO DE 1890

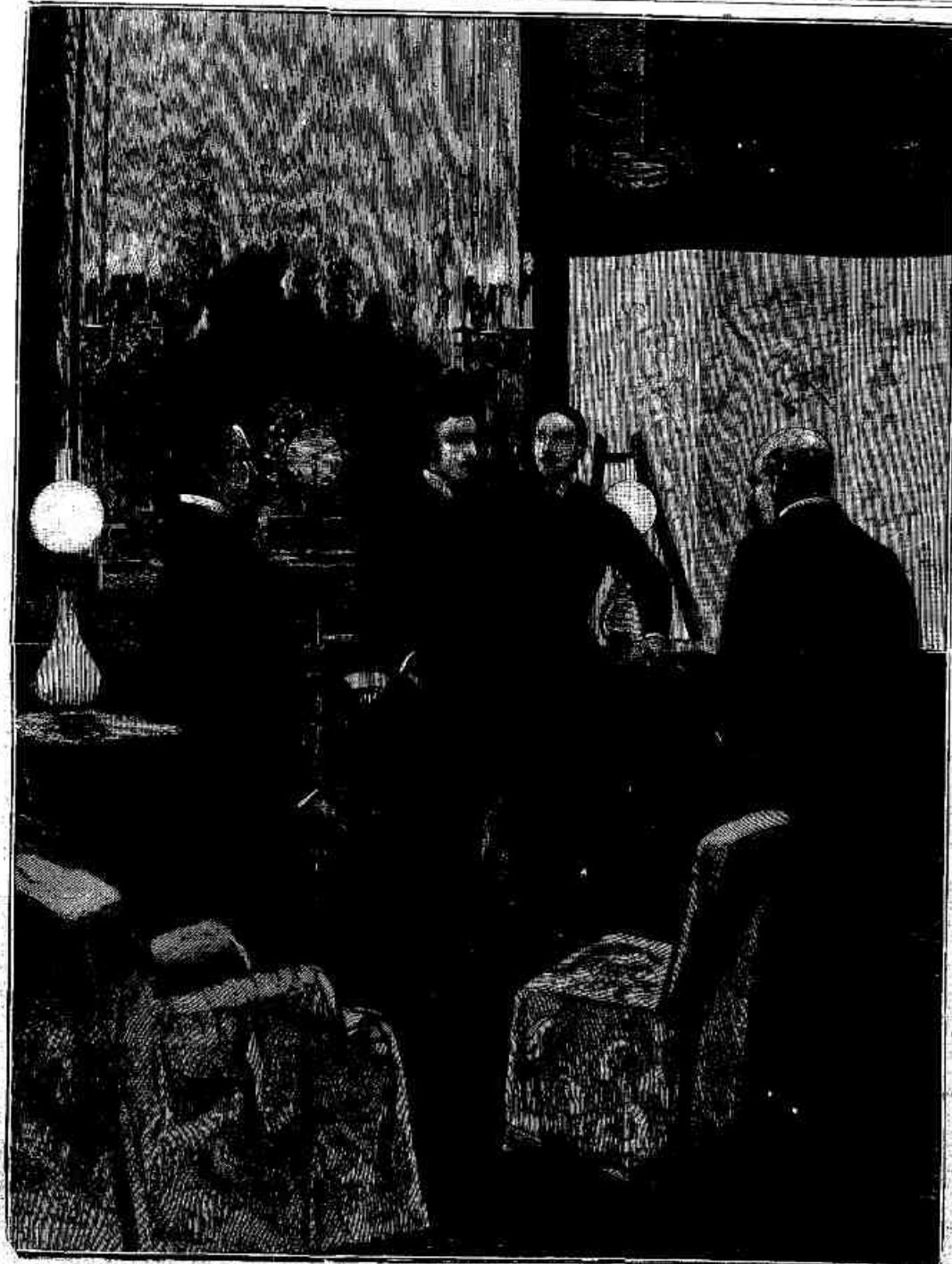
Garante em Portugal e Brasil: DAVID CORAZZI

PORUGAL

DAVID CORAZZI, 15, RUA DA ATILADA, LISBOA

ASSIGNATURAS:

ANNUAIS.....	5.400 REIS
SUSCRIPTORES.....	1.200 —
TRIMESTRAIS.....	100 —
ATUALIS.....	50 —



PARIS. — A FRISSÃO DO DUQUE D'ORLÉANS, IRMÃO DA S. M. A RAÍNSA DE PORTUGAL.

O nosso director Mariano Pina, achando-se em viagem em Portugal, não pôde mandar-nos a tempo de passar n'este numero a sua Chronica. Publicá-la-hemos no proximo numero da ILLUSTRAÇÃO.

A BRETA

NUMA tarde de novembro, vespere de Santo Catárinha, a grande porta de ferro da prisão central de Aubérin abriu-se e deixou passar uma mulher de trinta annos de idade, trajando um vestido de lá desbotado, e tendo na cabeça uma touca que lhe emmoldurava singularmente o rosto pálido; e d'esse gorro descorada que o regimén das prisões desenvolve.

Era uma sentenciada que acabava de cumprir a pena que lhe fôr imposta. As companheiras de detenção chamavam-lhe a Brete. Condenada por infanticídio, havia exactamente seis annos que um canto cellular a trouxera à prisão central.

Depois de ter tomado a sua trouxa, voltava a achar-se finalmente livre, com a sua grata rubricada para Langres.

O canto de Langres tinha partido. Intimidada dirigiu-se, tropeçando, para a estalagem principal do lugar, e, com voz pouco firme, pediu pousoada por essa noite.

A estalagem estava cheia e a dona que não tinha vontade de hospedar gente d'aquela laia, aconselhou-a a que fosse até à taberna situada na outra extremidade da aldeia.

A brete ainda amedrontada, lá foi bater à porta d'essa taberna, que não era na realidade senão um vestíbulo para os carroceiros.

O taberneiro olhou-a com desconfiança, farejando sem dúvida uma mulher da central, e afinal mandou-a embora, pretestando que não albergava ninguém.

A brete não se atreveu a insistir, affastou-se da cabeça baixa, mas no íntimo do seu ser creava-se um odio contra essa gente que a repelia.

Não tinha outro recurso senão ir a Langres a pé. Em fine de novembro anotou depressa: elle acheou-se em breve tempo rodeada de sombra, no caminho escuro que continha entre duas extremidades da mata, e onde o vento norte soprava com força arrastando as folhas mortas.

Depois de seis annos de vida sedentária e reclusa, não sabia já andar; as articulações dos joelhos estavam como que presas; os pés acostumados aos tamancos achavam-se incomodados dentro dos sapatos novos.

Ao cabo de uma legua sentiu-se cansada. Sentou-se sobre umas pedras friúndio, e perguntando a si mesmo se ia morrer de frio e fome, n'aquela noite de trevas.

De repente, na solidão da estrada, através das rajadas de vento, parecendo-lhe ouvir os sons arrastados d'uma voz que cantava. Prestou ouvidos e distinguiu a cadência d'uma d'essas canções monotonas com que se adormecem as crianças.

Então, erguendo-sa, caminhou na direcção d'aquela voz, e, na volta de um caminho transversal, viu uma luz brilhar entre as arvores.

Cinco minutos depois, chegava a um casebre cuja unica janelha deixava passar um raião luminoso. Com o coração ancião decidiu-se a ir bater.

A canção interrompida e uma camponeza veio abrir; — uma mulher da mesma idade da brete, mas já envelhecida pelo trabalho.

A sua jaqueta rota em alguns lugares, deixava ver a pele tostada e aspera; os cabellos ruivos saíam em desordem de sob uma touca ordinária.

— Boa noite, disse a camponeza, levantando uma candela. O que deseja?

— Não posso mais de cançâo, murmurou a brete com voz soluçante. A cidade está longe d'aqui, e se quizesse dar-me pousoada por esta noite, prestar-me-hia um grande serviço... Tenho dinheiro e recompeço-a-hei do seu favor.

— Entre! respondeu a ouvra, apoiada um momento de hesitação.

Depois continuou com tom mais curioso do que desconfiado.

— Porque razão não ficou em Aubérin?

— Não quizeram albergar-me...

E, baixando os olhos azuis, abretâ, pôs escrupulosamente:

— Porque, é preciso que saiba, sahi da prisão central, e isto não inspira confiança a ninguém.

— Ah... Entre, apesar d'isso... Nada receio, pois nem tive senão miséria... É uma barbaridade deixar uma pessoa na rua com um frio desse... Vou fazer-lhe uma cama com um pu-
nho de urzes...

Foi buscar debaixo de um telheiro, urzes secas, e estendeu-as a um canto, perto do fogão.

— Môro sózinha aqui? perguntou timidamente a brete.

— Môro com a minha filha que já andou pelas suas sete annos... Gasto a vida trabalhando na mata.

— O seu marido morreu?

— Nunca tive marido, disse a mulher arrebatadamente, e a pôrce pequena não consegue o pac... Enfim, cada qual tem as suas desgraças... A sua cama está pronta, e aqui estão duas ou três batatas que sobraram da ceia. É tudo quanto posso oferecer-lhe.

Foi interrompida por uma voz infantil que vinha de uma alcova escura, separada do quarto por um tabique de madeira.

— Boa noite! acrescentou, vou ter com a pequena que está chorando... Veja se consegue dormir.

Pegou no candeeiro e entrou para o quarto contíguo, deixando a brete na escuridão.

A brete deitou-se sobre as urzes. Depois de ter comido, procurou adormecer, mas o sono não vinha.

Através do tabique, ouviu a mulher conversarem voz com a creançá, a quem a chegada da estranha acordaria. A mãe embrulhava-a com palavras meigas, cuja expressão ingénua comovia de modo singular a brete.

Estu explosão de ternura despertava um instinto maternal confuso, que culminava no amor da rapariga condenada outrora por ter asphyxiado o filho recém-nascido.

A brete pensava que « se as coisas não tivessem corrido mal », o seu filhinho continuaria d'aquela menina.

Com este pensamento e ao ouvir os sons d'aquela voz infantil, estremeceu. Algumacoisa desse dissolvia-se-lhe no coração, e ella sentia vontade de chorar.

— Vamos, dizia a mãe, dormiu já. Se for bem comportada, leval-a-hei amanhã à feira de Santa Catárinha.

— A Santa Catárinha, é a festa das meninas, não é, mamã?

— F.

— É verdade que n'esse dia Santa Catárinha traz brinquedos para as creanças?

— É... às vezes.

— Porque é que ella nunca os traz à nossa casa?

— Moramos muito longe... e dumais somos muito pobres.

— Então ella só leva brinquedos aos ricos?... Porque?... Eu também gostaria de ter brinquedos.

— Pois um dia... se for bem comportada!, se dormir depressa, talvez que ella lhe de alguma.

— Então vou dormir!!! para que ella traga amanhã muitos bonecos, sim?

Silêncio. Depois uma respiração igual e ligeira. A creançá tinha adormecido, a mãe também. Só a brete não dormiu. Uma emoção ao mesmo tempo pungente e doce apertava-lhe o coração, e ella pensava mais do que nunca n'aquelle creançá que estrangulara. Durou isto até os primeiros clarões do dia.

Ao amanhecer, a mãe e a filha dormiam profundamente. A brete saiu furtivamente, e caminhando depressa na direcção de Aubérin, não parou senão ao chegar às primícias casas.

Alli subiu lentamente a primaça rua, olhando para as tabuletas das lojas. Afim, uma delas parecia fixar-lhe a atenção. Bateu à porta e mandou abrir. Era uma loja de merceria, contendo também brinquedos de creanças, pobres brinquedos já velhos: bonecas de papoilas, arcas de Noé, currius.

Com grande esforço da dona da merceria, a brete comprou tudo, pagou e saíu.

Tornou a tomar o caminho da habitação onde pernoitara, quando uma mão a agarrou no homem. Voltou-se e estremeceu ao ver-seem frente de um soldado.

— A desgracada tinha-se esquecido que era proibido às antigas detidas permanecer nas proximidades da prisão central!...

— Em vez de vagabundear por aqui, já devia estar em Langres, disse severamente o soldado. Vamos a caminho!...

Quiz explicar-se. Foi inutil!... Num abrir e fechar d'olhos pediu-se uma carroça, e mandou-se que subisse para ella, com o soldado.

A carroça rodava nos solavancos. A pobre brete apertava com ar de tristeza o seu embrulho de brinquedos entre os dedos toliados de frio.

A uma volta da estrada, reconheceu o stalho que se perdia na mata; o coração palpito-lhe fortemente, e ellatapou-se ao soldado que mandasse parar. Tinha uma comissão para uma mulher que morava ali: a dois passos. Suplicava com tanto instância, que o soldado, bom homem no fundo, deixou-se vencer. [Amarrou-se o cavalo a uma árvore e subiu-se ao stalho.]

Dante da porta, a mulher rachava lenha. Ao tornar a ver a sua visitante em companhia de um soldado, ficou de boca aberta e com os braços caídos.

— Cuidado! disse a brete. A pequena ainda dorme?

— Ainda... mas...

— Coloque-lhe devagarinho estes brinquedos na cama, e diga-lhe que é Santa Catárinha que lhos manda... Eu voltei a Aubérin para os combinar, mas parece que não tinha esse direito, e levam-me para Langres...

— Santa mãe de Deus! exclamou a mulher,

— Cuidado...

Aproximaram-se da cama, sempre acompanhada pelo soldado, a brete espalhou sobre os cobertores as bonecas, as arcas de Noé e o curral, beijou o brago nu da creançá adormecida e voltando-se para o guarda murmurou:

— Agora, podemos partir!...

PANTUM

*Quando passaste, ao declinar do dia,
Soava na altura indefinido arpejo;
Pallida, o sol do céo se despedia,
Enviando à terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...
Cantava perto um passaro, em segredo;
E, enviando à terra o derradeiro beijo,
Esbatia-se a luz pelo arvoredo.

Cantava perto um passaro em segredo;
Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Esbatia-se a luz pelo arvoredo:
Cahira a tarde; soegácia o vento.

Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Cahira a tarde. Soegácia o vento.
Que magua derramada em tudo aquillo!
Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Pisando a areia, que a teus pés fallava,
(Que magua derramada em tudo aquillo!)
Vi lá em baixo o teu vulto que passava.

Pisando a areia, que a teus pés fallava,
Entre as ramadas floridas seguiste.
Vi lá em baixo o teu vulto que passava...
Tão distraída! — nem sequer me viste!

Entre as ramadas floridas seguiste,
E eu tinha a vista do teu vulto cheia.
Tão distraída! — nem sequer me viste!
E eu contava os teus passos sobre a areia.

Eu tinha a vista de teu vulto cheia.
E quando te sumiste ao fim da estrada,
Eu contava os teus passos sobre a areia:
Vinha a noite a descer, muda e pausada...

E, quando te sumiste ao fim da estrada,
Ohou-me do alto uma pequena estrela.
Vinha a noite a descer, muda e pausada,
E outras estrelas se ascendiam n'ella.

Ohou-me do alto uma pequena estrela,
Abriindo as aureas palpebras lucentes;
E outras estrelas se ascendiam n'ella,
Como pequenas lampadas trementes.

Abriindo as aureas palpebras lucentes,
Clarearam a extensão dos largos campos;
Como pequenas lampadas trementes
Phosphoreavam na relva os pyrilaamps.

Clarearam a extensão dos largos campos.
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...
Phosphoreavam na relva os pyrilaamps...
E eu inda estava a tua imagem vendo.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo:
A terra toda em derredor dormia...
E eu inda estava a tua imagem vendo,
Quando passaste ao declinar do dia!*

OLAVO BILAC.

CONTRA A INGLATERRA

*Pirata d'unha comprida!
Velha mãe de rapinantes...
tu pediste a bolsa e a vida
à heroica raça abatida,
d'onde brotaram gigantes.
Mas ella, se foi vencida...
Limpa ficou como d'antes.*

*Nossa bandeira inviolada
não a sujou teu carvão.
Milhafre d'unha afiada!
branca ficou nossa espada,
mas de preto o coração.
De ti não queremos mais nada!...
Nem rothas, nem algodão.*

GOMES LEAL.



AS NOSSAS GRAVURAS

A prisão do Duque d'Orléans

EM FRANÇA, o grande acontecimento político de todo o mês de fevereiro foi a prisão e o julgamento em polícia correccional de S. A. o Duque d'Orléans, filho do conde de Paris, irmão de S. M. a sr. D. Amélia de Bragança, rainha de Portugal.

Hannosque o parlamento francês votou uma lei, expulsando dos territórios da República todos os pretendentes ao trono de França, assim como os seus descendentes directos.

Foram pois expulsos, o Conde de Paris e seu filho o duque d'Orléans, representantes da Monarquia, e o príncipe Jeronymo Napoleão e seu filho o príncipe Victor, representantes do Império.

O duque d'Orléans completou há pouco os seus vinte e um annos d'idade. E como a lei francesa impõe a todos os mancebos que completem vinte e um annos, ou se achem em França, ou fôr do território, de se apresentarem para o serviço militar, mesmo quando seus pais tênhão sido expulsos por crimes políticos, — o jovem duque d'Orléans intendeu do seu dever de França de vir a Paris, e apresentar-se às autoridades para que o inscrevesssem para o serviço militar.

O caso passou-se no dia 7 de fevereiro ultimo. O duque d'Orléans chegou a Paris, desfilarado, para não ser conhecido na fronteira. Vinha da Suissa, na companhia do duque de Luynes, em cujo palacio, situado, 51, rue de Varenne, se foi hospedar.

Apenas chegado a Paris foi à repartição do bairro apresentar-se para o serviço militar. Apenas declarou o seu nome, o empregado não querendo crer o que os seus ouvidos ouviam e os seus olhos estavam vendo, declarou-se incompetente.

E o duque d'Orléans começou a correr todas as repartições de Paris, fazendo em todas elas a mesma declaração. Depois, voltou para o palacio do duque de Luynes, onde ficou esperando a resposta do ministerio da guerra, cerca do seu casal e do seu pedido para fazer parte do exercito francês, e fazer o serviço militar obrigatório.

Minutos depois, o perfeito da polícia de Paris, prevenido pelo sr. Ministro do interior, chegava ao palacio de Luynes, com ordem de prender o duque d'Orléans, e de o transportar à perfurta de polícia.

A gravura da nossa primeira pagina representa a sala do duque de Luynes, donde o duque d'Orléans recebeu a visita do sr. Lozé, perfeito da polícia. Vê-se ao centro o duque d'Orléans avançando para o perfeito, que lhe dá voz de prisão. A esquerda do duque, vê-se o seu companheiro e amigo, o jovem duque de Luynes, que há pouco tempo casou com a filha da duquesa de Uzès, e de cujo frustuoso casamento faliu largamente o nosso colaborador Gies.

Outra gravura representa detalhadamente a sala do palacio de Luynes, onde foi preso o duque d'Orléans.

Mais abaixo o nosso desenhador mostra-nos a audiencia do 8.º tribunal correccional de Paris, onde compareceu o duque d'Orléans, pelo crime

de ter violado a lei da expulsão, e de ter ousado penetrar nos territórios da Republica francesa.

O tribunal, seguindo a letra da lei d'expulsão, não quiz atender ao dever do duque d'Orléans, como frances, de se apresentar para o serviço militar, e condenou-o a dois annos de degredo.

Todos estes acontecimentos causaram grande sensação, não só em Paris, mas em toda a França. O duque d'Orléans é o assumpto de todas as conversas, e ninguém deixa de elogiar o seu procedimento, encontrando verdadeiras sympathias até nos grupos republicanos.

Em França admiram-se os actos de coragem. E ver este príncipe arrumar com tanta energia a prisão, bastou para alcançar uma grande popularidade.

Nada se sabe, — no momento em que escrevemos estas linhas — da resolução definitiva que tomará o governo francês acerca do duque d'Orléans, que continua preso.

Dizem uns que o Presidente da Republica o agraciará no dia 14 de julho; dizem outros que apesar dos desejos do sr. Carnot, alguns ministros, e especialmente o sr. Constans, insistem para que o duque d'Orléans faça os seus dois annos de cadeia.

O que é um facto é quo, nem a graça nem a prisão, evitando que o duque d'Orléans tenha conquistado em França imensa popularidade e innumerias sympathias, não só dos seus amigos e partidários, mas até dos seus inimigos politicos.

Também oferecemos aos nossos leitores o ultimo retrato do duque d'Orléans. O irmão de S. M. a rainha de Portugal é um mancebo de vinte e um annos d'idade, imensamente sympathico e muito instruido.

É neto de sua prima a princesa Margarida, filha do duque de Chartres, irmão do Conde de Paris.

O duque de Montpensier

O duque de Montpensier, avô de S. M. a rainha de Portugal, que faleceu há pouco em Sevilha contava sessenta e seis annos d'idade. Era o mais novo dos filhos do rei de França Luiz Philippe. Nasceu em 1824.

Faz os seus estudos em França, no lyceu Henrique IV e na Escola Polytechnic; e completa a sua educação militar nas expedições da Argelia, ao lado de seus irmãos, sendo ferido no combate de Biskra.

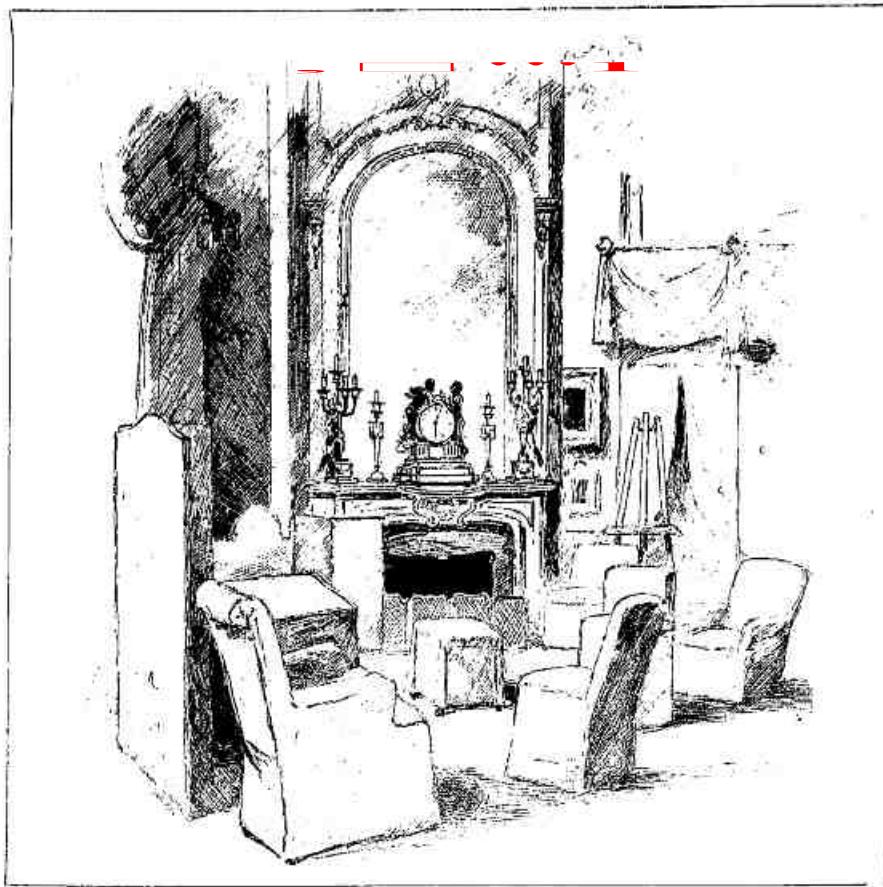
Em 1856 casou com a irmã de Dona Isabel II, rainha de Espanha, — a infanta Dona Maria-Luiza-Fernanda de Bourbon.

Depois da revolução de 1848, o duque e a duqueza de Montpensier passaram a viver em Inglaterra e em Espanha. O palacio de San Telmo, em Sevilha, era a sua principal residencia.

Guardou sempre em Espanha a maior reserva em assuntos politicos; por mais d'uma vez pensaram na sua candidatura ao trono de Espanha, depois da queda de Isabel II. Mas o duque evitou quando podia uma restauração em seu favor. Foi então que as cortes aclamaram rei de Espanha o Amadeu, duque de Aosta, irmão de S. M. a sr. D. Maria Pia.

Ultimamente fixou a sua residencia no castello de San Lucar de Barrameda; foi ali que a morte o surprehendeu, no dia 5 de fevereiro ultimo. O seu corpo foi transportado para o convento do Escorial, pantheon dos reis de Espanha, onde se lhe fizeram funerias verdadeiramente regios.

O duque de Montpensier deixa dois filhos, a sua Condessa de Paris, mãe de S. M. a rainha



O SALÃO DO PALACIO DE LIMMIS, ONDE FOI FOSCO O DUQUE D'ORLÉANS.



PARIS. — O duque d'Orléans BEANTE DO tribunal correccional.



LUIZ-PHILIPPE-ROBERTO

DUQUE D'ORLÉANS.



ANTONIO-MARIA-PHILIPPE-LUIZ D'ORLÉANS

DUQUE DE MONTPENSIER.

de Portugal, e o infante D. António que casou há annos com a infanta Eulalia, irmã do rei don Afonso XII.

Bellas-Artes. — As canções da Primavera

Quadro de Bouguereau.

Este quadro do illustre professor da Escola de Bellas-Artes de Paris, foi imponentemente admirado na Exposição de Paris do anno findo, na secção da pintura francesa.

É uma pagina cheia de graça e de frescura, que vem hoje ilustrar a nossa já vasta galeria artística.

Todas as qualidades de delicadeza e de poesia que são o distintivo de Bouguereau se encontram neste harmonioso grupo da rapariga sonhadora, *pista em socorro*, como dizem os *Lusíadas*, e que dão ouvidos às doceas canções primaveras que se elevam pur entre as brasas perfumadas onde voltiam dois amores.

Bem sahemos que a pintura, tal qual a comprehendem Bouguereau, é todos os dias atacada e maltratada pelos realistas e naturalistas, impregnados de imprecações mal traduzidas dos livros de Proudhon quando este defende Courbet, e dos livros de Zola quando este defende Manet.

Mas não foi Zola quem disse que a "Arte é a natureza vista através d'um temperamento?"

Se assim é, porque não tão de permitir a Bouguereau que veja a natureza através do seu temperamento de idealista e de poeta?...

Os inimigos de Bouguereau poderão dizer do illustre professor da Escola de Bellas-Artes de Paris, todos os horrores que lhes vierem aos bicos de pena.

O que ninguém pode negar, é que Bouguereau, assim como Cabanel e Boulanger, com a sua intransigência académica contribuiram muito para que a escola francesa não cabisse na anarchia em que a teem querido lançar vários revolucionários da pintura.

A pagina que hoje reproduzimos pela gravura é uma pagina admirável. E se pertence a um género ou a uma escola, que parece não estar na moda das novas gerações, nem por isso deixa de revelar altas qualidades de desenho, de composição e de estilo.

Oxalá todos os revolucionários soubessem da sua arte, como sabe Bouguereau, — como sabiam Boulanger e Cabanel.

Theatros de Paris. — Os leões do Circo

Estamos assistindo dia a dia às coisas mais extraordinárias, no que diz respeito à inteligência e à obediência dos animais.

Ha dois annos um famoso domador apresentava em Paris uma troupe de elefantes, fazendo equilíbrios, tocando realjo, tocando cornetim, andando de velocípede e atraindo ao alto.

Este anno temos a troupe dos leões no novo Circo de Paris, — leões em liberdade, sem guia para os separar do público, e trabalhando em alta escola, como se fossem cavalos.

Tudo se civilisa, — até a ferocidade dos leões!

Quem diria que se haviam de deixar leões à solta, fazendo exercícios e habilidades diante dos espectadores, ao pé dos espectáculos, como se fossem animais domésticos!

Eis o espectáculo novo e deveras impressionador, que os Parisienses hoje admiram no lindo Novo Circo da rua Saint-Honoré.

Pedimos ao nosso colaborador Reichan uma pagina acerca dos exercícios dos leões domesticados. Os nossos leitores verão com curiosidade os elegantes desenhos do distintíssimo artista.

Os leões vêm para a arena acompanhados por um cão, um bello *dançoi*. O domador, Mr. Darling, um americano, vem armado com um simples chicote, de que nunca se serve.

Quando os leões entram no circo ha um certo sobresalto em todo o público. Saltará algum d'elles as bancadas?... Mas imediatamente o receio se dissipá, e os exercícios leoninos são cobertos de estridulos aplausos, que deixam indiferentes os reis do deserto!

Os mezes ilustrados. — Março.

São as ultimas chuvas que serviram de assunto para a composição do nosso colaborador Habert-Dys.

As ultimas chuvas de Março surprehendem um gato que de cima d'um telhado gosava das primeiras delícias da primavera...

Chuva e granizo sacodem o vadio amoroso do sol, e elle-o furioso, galgando por cima d'um telhado d'ardósia, em busca do primeiro abrigo.

Tal é o pitoresco quadro de *Março* que nos oferece o nosso distinto collaborador.

DONA MORTE

Deu na tonta de entrar na minha escada
à Dona Morte um dia.

A pobre andou estafada
do contínuo ceifar desde que ao nada
por divinas precessos da alquimia
a terra fui resuhada.

Da comprida queixola desdentada
esta sentida nenia lhe saía:

— Senhor! forte estopada!
Sem poiar a caveira o mundo corra,
Em toda a parte estou. A toda a hora
prostro alguém a meus pés, e gemi, e chorar
por minha culpa alguém! Nenhuma aurora,
de luz nenhuma o porro,
as órbitas vazias me alumia!...
Nunca uma esprança nutre uma alegria!
A dor alheia pondo um suave termo
só a minha o não tem!... Só eu não morro
em quanto o mundo não tornar umermo!...
A obra! A obra!

E lepida subindo
tocou à campainha:

Um lugubre tocar que dava medo;
que não mais deixarei de estar ouvindo,
e fiz com que eu então, muito em segredo,
rezasse a ladainha.

X
Era um simples aviso; pois que a porta
por si se escancarou e deu entrada

áquela feia ossada
de vermes revestida, e negra, e torta,
de mim ha longo tempo enamorada.

— Senhora Morte, viva! —
disse ao vel-a, fingindo animo forte;
mas cá por dentro, como a sensativa
n'haste as folhas retráe que lh'as não corte
quem d'ella se approxima
e levemente a mão lhe põe por cima,
cá por dentro a minh'alma, em passo estranho
por ver-se em tão cruel extremitade,
fui-se encolhendo, até ser do tamango
d'un reléu feijão frade!

X
— Desculpe a impertinencia —
continuou. — Como é que usam tratá-a?

Por tu? Por *Excellencia*,
como é hoje tratada toda a gente? —
— A mim é-me indiferente.
— Não faz ninguem de tal miseria gaia
no reino onde eu impero.

Esta resposta
me deu a Dona Morte, e juntou ao leiro,
onde eu espreguiava a mandriera,
chegou; puxou cadeira;
sentou-se gravemente, sobreposta
uma rótula n'outra.

Com efeito
mau é vel-a!... peior á cabeceira!
E pôz-me a fria mão aqui no peito.
— Que bons pulmões tens tu! e como pulsa
na tua idade o coração ainda
pelas paixões mundanas agitado! —
— Ensin... — volvi com voz menos convulsa —
Ainda tenho a viver um bom bocado?! —
— Conforme. Tudo finda
— quando me apraz e breve. —

— Se a teu lado
para afastar-te eu não chamar a Scienzia. —
— Dou-te um doce que a chamas! Cac tu n'essa!
— descobriste a maneira, tem paciencia,
e de eu carregar contigo mais depressa. —
— Banal! Banal! Culdei que era outra coisa —
rosnei com meus botões. — Um vende bolas,
um palurdio qualquer vindo da Loiza,
da Lourinhã, do inferno, essa sandice
ancho diria qual a Morte a disse.

X
Ella no entanto, um pé bamboleando,
co'as phalanges dos dedos descarnados,
batendo sobre a tibia, ia soltando
uns sons de castanholas,
com que sóe convocar gatos pingados
ás grandes, funerarias cabriolas.

X
Após pequena pausa
de subito se ergueu.

— Não ha remedio!
— Deixar-te vou por causa
d'uns ganchitos que tenho aqui no predio.
O conego não dorme ha tres semanas.
Rouba-lhe o ar a suffocante angina
que o peito dilacera.
Tem esgotado as provações humanas.
Na longa vida santamente austera
fez jus, coitado! à compaixão divina.
Melhor que o da morfina,
promio à virtude, um sonho lhe preparo.
brando, quieto, sereno, como um lago.
Apanha o padre agora! e apanha, é claro,
quem lhe abichar na Sé o logar vago.
O conego aviado, tenho uns planos
de ir rocar no ferrolho ao conselheiro.
Quero abater-lhe a próba!... Setenta annos
e sobre inda lampeiro

outros tantos degraus!... Então corado!
redondol... Uma cereja...
E como se espaneja
quando vai pela ruia engraxatado,
para as moças olhando ás furtadellas
como quem diz: *Assim quisesses elas!*
Chucha um pisco ao jantar; um pisco á ceia.
Por não dormir de tarde
nem trazer nunca a barriguita cheia
considera-se livre do meu jugo
e d'isso faz alarde!

Pois tu vaes ver, fradinho de sabugo!

Travou da arqueada foice;
disse-me: — Adeus! Eu volto. Eu volto. Espera
virou a espinha, e foi-se.

X
Sim, que te espero! Aqui te aguardo, ó fera!

Mal passado um minuto, instantes, penso,
portas a abrir-se, gente que subia
resmoneando latim, e cheiro a incenso,
o opónonax da velha liturgia.

Desci. Curvei-me. Bemaventurado
aquele que tem fé! Como um soldado,
firme em seu posto o conego morria.

X
Volto a casa. Corri logo á janella.
Nos amplos céus azuis esmorecia
a luz d'um sol d'abril. Do floreio seio
perfumes exhalava a Primavera
fallando-me por modo que a entendia.
Quanto distava, quão diversa que era
Da outra cena aquella:
Ensin clam ei: Em ti, meu Deus, eu creio!

A ILLUSTRAÇÃO



AS CANÇÕES DA PRIMAVERA

Quadro de Bouguereau.

Um mez depois algum contou-me voiu :
— Lá puxou o visinho aqui do lado!
Hontem, depois do chá e o rol escrito,
saiu da meia, deu-lhe uma tortura,
rodopiou, caiu na sepultura,
col'pa na consciencia e o pafito
no canto inda da bocca! —

No outro dia
foi se o bom conselheiro, encaixotado,
direito ao cemiterio.
Na turba que o seguia
havia quem dissesse : *Um homem sério!*
— E tudo era acabado.

X

Chega-me agora a vez, Prompto! Presente!
Prompto sou a marchar!... mas descontente.
Não que eu tema morrer. Quem morre interro?
Aquillo que me assusta, o que me aterra
é sómente a lembrança de que à terra,
tal qual se semeasse fara ou trigo,
o bruto do covelo
cantarolando, atraria comigo!

Eu, que respiro ao sol da liberdade,
fechado n'um segredo humido, immenso,
frío, escuro, por toda a eternidade!
Preso... amarrado ali! Meu nome inscrito
n'um livro negro, em folhas cõr d'ieficiu,
contou se inscreve em notas de polícia
o nome do gatuno a quem o apito

tranquillo não deixou bifar um lenço!
Numerado inda em cima! numerado
como um grilhetal!... *O cento e trinta e cinco*,
de cestos de cal virgem carregado:
p'ra todo o sempre n'um caixão de zinco!...

X

Não estou pelos autos. Não!... Protesto,
Quando a morte vier por este resto
d'homem... de coisa... nem eu sei ao certo
isso que fui, que sou, para o que preso;
quando ella pois vier, e virá cedo...

e vem... que a sinto perío,
ordeno que me estendam n'um penedó
da minha amada Cintra. Redívive,
á luz serena e pura
dos puros céus, o miser captivo
reabrir seus olhos porventura!
Inda lá teu amor, tua beleza,
a força me darão, tres *estrellinhas*,
para affrontar a edade, a natureza
e triunfar do Eterno!

Com certeza
que nem sequer, leitor, tu adivinhás,
nem eu jámais direi de quem se trata.
Bem o desças tu, língua de prata!
Era um maná!

X

O sombra que fugiste,
que sem cessar procuro em toda a parte
e não encontro nunca,
porque é que tu não voltas, e d'est'arte
de saudades a Dói, teimosa, juncia
o meu caminho triste?
Agora ao menos, anjo expatriado,
em que eu por ti resumo
n'uma lagrima só as que hei chorado
dês que te dei minh'alma até est' hora,
porque é que tu não vens mostrar-me o rumo
do ninho teu d'out'r'ora?
Vem! e guia-me tu n'este momento
a dôce paz do suspirado porto!
Foste na vida o meu maior tormento...
Ai! Sê na morte o meu maior conforto!

FRANCISCO PALHA.

TSARINE

PÓ DE ARROZ RUSSO
Adstringente, Revulsante, Invólucro
PREPARADA POR VIEILLE
25, Rue des Palais, PARIS

DICCIONARIO DA AMIZADE

DEDICADO AOS HOMENS NOVOS

O QUE é um amigo?
Um amigo é uma criatura que tem todas as pertenças e todos os defeitos da mulher, sem possuir uma só das boas qualidades que a distinguem.
Não obstante isso, para ser justo e não desgostar ninguém da amizade, devo acrescentar que encontro bastantes pessoas por esse mundo que me apertam a mão. Viajei muito no paiz da amizade, sem plano esculpido, e demorando-me um pouco onde me pareceu. O paiz não me deixou as mais gratas recordações, devo confessá-lo, mas como lhe conheço bem todas as veredas e encruzilhadas, sou um excelente guia de viajantes. A'vante, pois, meus jovens companheiros!

O primeiro que encontramos é:

O amigo tolo — Esta classe é a mais procurada. Os homens de talento tem uma predileção pronunciadíssima pelos tolos. Adolpho Adam gostava de gatos, Decamps adorava os macacos, Mozart idolatrava os papagaios; mas um homem de talento em geral tem o cuidado de apegar-se, á falta de gato, mono ou papagaio, a um homem tolo, a quem chama seu amigo.

O amigo idiota não é incomodado nas suas relações. A sua principal qualidade boa é de provar-nos a toda a hora, e mau grado nosso, que temos mais talento do que elle, o que nos lisonjeia o amor próprio. Em qualquer posição da vida que um homem esteja collocado, encontra sempre um amigo d'essa classe.

Um similhante sujeito agarra-se a nós com a facilidade de um cão; serve-nos de moço de recados, para nos levar as cartas; carrega com as culpas de todos os enganos em que porventura cahimos; livra-nos das pessoas que nos enfadam; podemos, em summa, fazer d'elle quanto quizermos, excepto um amigo, porque não nos comprehenderá quando lhes fallarmos dos pensamentos elevados que nos agitam, e que estão fora do alcance da sua inteligencia. Mudemos de direcção. Encontraremos :

O amigo protector. — Este simulará interessar-se por nós. À vezes, quando está aborrecido e não sabe o que ha de fazer, se por acaso nos encontra na rua, dá-nos o braço para que acompanhemos, e jura-nos que o seu unico desejo é ser-nos útil em alguma coisa. Evidentemente, dir-me-hão talvez, cis ahi está um verdadeiro amigo. Pode ser. O amigo protector não tardará em fazer-nos alguns insignificantes favores. Em compensação seremos para elle o que o amigo tolo é para o homem de talento: o seu creado e o seu cão. Dispõe do nosso tempo, como e quando lhe apercer. Em fin, por um pequeno favor que nos fex, exigir-nos-ha cem muito mais importantes, e como é o nosso protector teremos todo o cuidado em não lh'os recusar. Do amigo protector dista apenas um passo:

O amigo desinteressado. — Peço licença para substituir a analyse por uma anedota.

Um excellente rapaz a quem chamaremos Eduardo, possuia a mais formosa colecção de armas que tenho conhecido. Além d'issò tinha um amigo. Este amigo era medico. Um dia, Eduardo caiu doente. O amigo tractou-o e, oh! milagre! Eduardo ficou bom. Quando fallou em pagar os cuidados que lhe tinham sido prodigalizados, o amigo medico recusou com indignação.

— Meu caro, não insulte a amizade oferecendo-me dinheiro.

— Pois, bem não fallemos mais n'isso. Chegou o dia de Anno Bom.

— Vou fazer uma surpresa áquelle excellente doutor, pensou Eduardo.

E tirando de um trofeu, uma espada magnifica, mandou-a, com um bilhete ao medico. D'ali a quinze dias, ao passar ao pé d'um bazar de armas encontrou o amigo.

— O doutor por aqui?

— Eu em pessoa.

— O que o trouxe cá?

— Ando à procura d'uma espada que sirva de companheira à que me ofereceu no dia de Anno Bom.

— Oh? Não ha-de encontrar-a facilmente.

— Receio isso.

No dia seguinte, Eduardo dependurou do trofeu outra espada, não menos esplendida que a primeira, e mandou-a ao medico.

Quero agora saber o desenlace da história? Ao cabo de um anno Eduardo, reconhecido ao amigo, não tinha uma unica arma, e o medico estava de posse de uma riquíssima colleção.

Um doente ordinario teria pago as quatorze visitas ao medico razão de cinco francos cada uma, ou seja, setenta francos por todas. A colleção de Eduardo valia uns oito ou dez mil francos. Em resumo, se o leitor adoecer, não mande chamar amigos. Nada custa tão caro como uma consulta de graça.

O amigo orgulhoso. — Este traceta-nos perfeitamente. Nunca temos razão de queixa contra elle. Recebe-nos como a um irmão; oferece-nos os seus melhores charutos, e apresenta-nos aos seus melhores amigos. Porém...

— Ah! Temos um porém?

— Porém, faz tudo isto por vaidade. Exhibe-nos, sem que se dê por similhante coisa, como se exhibe um vitello de duas cabeças, e dirá a quem lhe der ouvidos:

— Sou tão amigo d'este rapaz! E' me tão dedicado, que posso fazer d'elle tudo o que quizer... Como é agradável inspirar unia sympathia assim!

Passemos ao

Amigo dos nossos pais. — A culpa dos pais recabem sobre os filhos.

— Em amizade?

— Em amizade, principalmente.

O pae do leitor teve um amigo que o conheceu pequenito; faz-se seu amigo e aproveita esta posição para tracial-o toda a vida como a um fidelho.

Aquelle homem viu-o tão pequenino, nunca o olhou de outro modo. Chamar-lhe-ha seu *joven amigo*, e quererá impôr-lhe a sua pretendida experiora, que é apenas um juízo de um velho que ha meio seculo se esqueceu dos vinte annos. Obrigal-n-ha a andar com camisola de flanella, a tomar mesinhices, e talvez a casar.

Não se deve recusar causa alguma a um antigo amigo de familia. Depois de ter massado o pae, reclama o direito de massar tambem o filho.

O amigo disfructador. — Todos os amigos são disfructadores. Quando por acaso um amigo disfructa outro, é porque ambos se disfrutam mutuamente.

O amigo franco. — Este senhor nunca desobre uma coisa agradável para nos dizer. Sob o pretexto de franqueza, insulta-nos. Demonstra-nos que somos tolos, que não temos coraçao; emfim, faz-nos comprehender que não passamos de uns *ninguens*, sem que nos assista o direito de lhe pedir contas dos seus insultos, porque é nosso amigo.

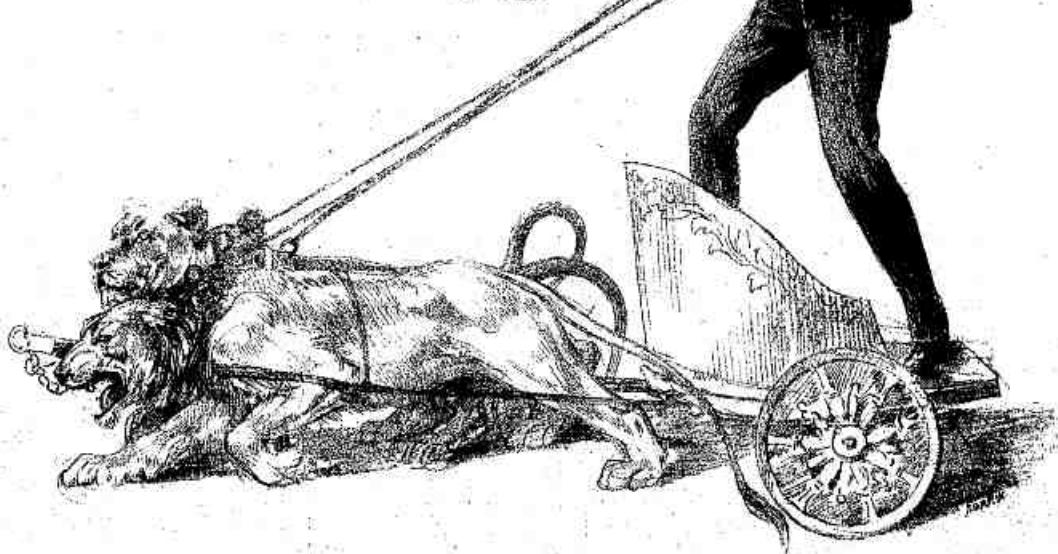
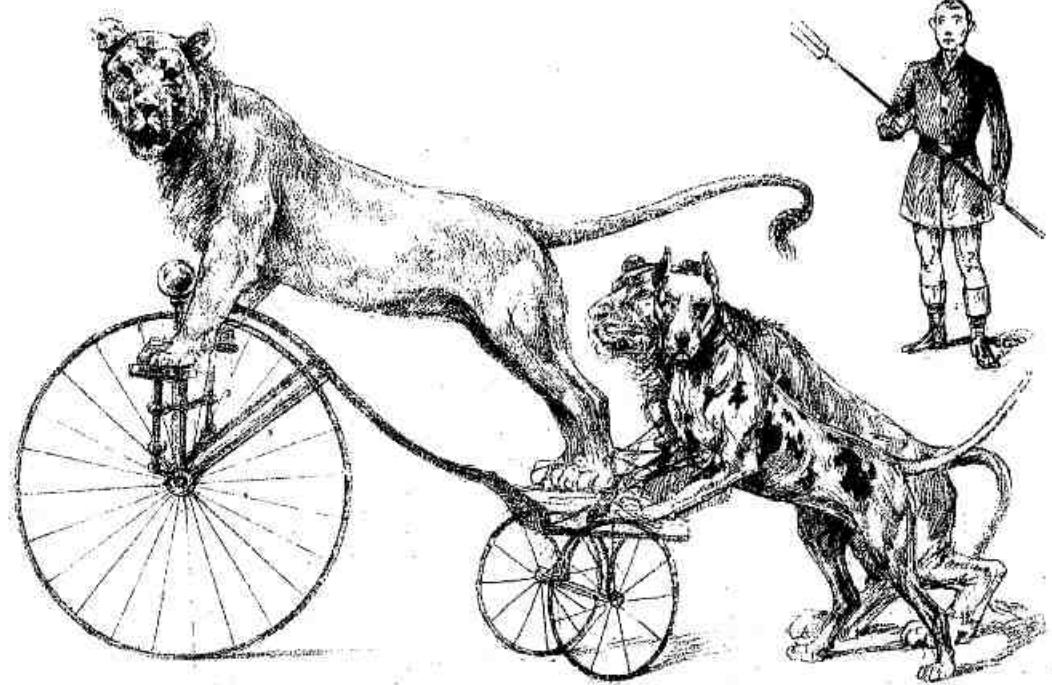
— Mas, dir-me-ha alguém, não acredita na amizade sincera e leal? Lá isso acreito, visto não ter motivo de duvidar da sua existencia; mas até hoje ainda a não encontrei.



Habent Dyen

OS MESES ILUSTRADOS — MARÇO.

(Composição de Habent Dyen).



THEATROS DE PARIS. — Os Leões no Novo Circo.

LES DEPILATOIRES DUSSE

PASTA EPILATORIA para o rosto. --- PELIVORA para os braços

PERFUMARIA DUSSE, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, em frente do Louvre



A PASTA EPILATORIA DUSSE

Dússer fabrica os Perfumos Desagradáveis (Barba, Blendo etc.), dos cortes das Sementes, sem nem mesmo incomodar para a pele mais delicada. **GRAMOS DE LISO:** Dá-lhe um recompensa de 10 francos. **Perfumaria e Parafusos:** O fabricante de muitas Famílias respeitáveis, Milhares de atestados, e a aprovação de eminentes Notabilidades no Corpo Médico, garantem a eficácia e a segurança desta preparação. Vendem em caixas para 6 barbas, 100 gramos cada para um pequeno barbeiro. **O PELIVORE** só se usa para os braços, nos quais consigo deslumbrante alívio. **DUSSE, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS;** Rua Lisboa e GOOFROY, BEARDO, Farmacia ESTAGIO e C°, em Portugal. Perfumaria de Lisboa e do Brasil.

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE
Pó d'Arto
especial
PREPARADO COM DISMUTRO
Por CH^o FAZ, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

SULFURINE OU BANHO SEM CHEIRO

O banho da Sulfitina possue execto as propriedades do banho sulfúrico ordinario, chamado Barbeiros, com a vantagem de não ter cheiro, e que, não alterando nem os riscos nem as pinturas, pode ser tomado em casa e exteras as ESPÉCIES DE BANHOS.

A sua acção estimulante, tonica e reconstrutiva, as suas boas propriedades notaveis no instrumento de açoita, do amegunto, da corta e das asperções COTAMAN, o banho da Sulfitina junta a de adorar a pulsa e de, lhe comunicar uma grande alvura ao mesmo tempo que uma docilidade extrema. Em todas as farmácias.

GROS — 41, Rue de la Paix, PARIS

VINHO de CHASSAIN

Préparado por mais de 30 anos
Contrá as Afloções das Vias Intestinais
PARIS, 6, Avenue Victoria, 6, PARIS
E EM TODAS AS PRINCIPAIS FRANCIAS

FERRO QUEVENNE

Indicado pelo Académico
de Medicina de Paris.

Cura Anemia, Febreosa do Sangue, Perdas, Doros e Estomago. — CD número de processo.
Existe este cada frasco de Ferro Quevenne o seu de " Utilis des FABRICANTS ", 14, r. Dauphine, Paris.

DIGESTOES
DIFÍCILS

DOENÇAS do ESTOMAGO

GASTRALGIA
ANEMIA

Dyspepsia
Perda
de Appetito

Vomitos
Diarréa
chronica

ELIXIR GREZ

TONICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS. Medaibas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — DR. G. L. RUE LA Bruyère, e em todas as Pharmacias

A LA ROSE DU PARADIS

10 medalhas de ouro

Prêmios de Paris

100 milhares de franceses

ÓRGÃO da

CASA FUNDADA EM 1804

LE ÔGER

me estremunhe esta noite e me obrigue a vir em trajes menores fazer um codicillo rectificativo das disposições do meu gosto no momento presente. Assim, escrupulosamente o mais que posso em ser absolutamente verídico e sincero, eu digo: o mais bello espetáculo do mundo que até agora eu conheço, é o do Bois de Boulogne. Quando estão em flor os castanheiros e os lilazes, n'um dia azul do mês de maio, às dez horas da manhã, é incomparável o aspecto da grande avenida entre o arco da Estrela e a entrada da floresta. Ao fundo dos longos prados sorriem dentro as arvores mais risonhas e as mais pittorescas villas.

Os massões de flores parecem enormes coches phantasticos, dispersos no tapete verde para um baile oferecido pela natureza ás gigantescas e diaphanas filhas do ar. A exhalção das seivas luxuriantes penetra o limpido ambiente de um perfume vivo e balsamico. Do conjunto das coussas resulta uma doce harmonia de cores e de linhas, que canta alegre e triunfante no ar, como um hymno. Das calèches floridas de lilazes, de violetas e de resedás, as mulheres apeiam-se para passar ao sol em *toilettes* de flumella branca, sob as umbellas forradas de azul, entre ninhadas de *baby's*. Com as amazonas ao trote passa um triunfante impulso de elegância e de força, que parece comunicar-se á atmosphera do movimento ativo do cavalo, do aspecto da coxa nervosa sob cuja pressão range o couro da sela, e da ponta do véu que palpita como uma bandeira de batalla, levada contra o vento. A avenida do Bosque, n'essa estação e a essa hora, acumula a maxima quantidade de elementos que a civilisação reúne para depurar e subtilizar o gosto de viver. É o campo na sua phrase mais viosa e mais florida, e é no mesmo tempo o povoado no seu aspecto mais elegante e mais nobre. É, para a vibração dos espinhos, um recanto da capital mais inteligente, mais artística, mais pensante, mais trabalhadora, mais suggestiva do mundo; e é simultaneamente,

para recreio dos olhos, para repouso do cerebro, para pacificação dos nervos, um centro variegado, pitoresco e jovial, de pruia, de luxo, de villa d'água, ou de parque de castello em dias de refeição festiva.

É inteiramente Paris, e é um pouco Interlaken, Chamonix, Rigi, Spa, Baden-Baden, Nice, Monaco, Sanremo, Trouville, Schwering e Biarritz. É uma via publica, e é um jardim, um casino, um cursal, um *rendez-vous*, de moda, um hipódromo, uma *garden-party*. É certo que não tem, nem a divina magestade das mais altas montanhas, nem o recolhimento solene e a palpitação sagrada das mais profundas florestas; mas em cada uma d'essas cabecinhas, sobre as quais um amplio sombreiro de plumas ensombra os olhos e põe à descoberto uma nuca lisa, torneada e reluzente como um fusie de columna cérdo de ébano ou cérdo de mogno, há mais drama, mais problema, mais enigma, do que em todas as cordilheiras e em todas as matas do mundo.

Madame de Staél, a que á beira do lago de Como chorava de saudades pelo *ruisseau de la rive du lac*, dizia de uma vez à madame Molé: « Se não fosse o respeito humano, eu não abriria a minha janelha para ver a baía de Nápoles, ao passo que andaria cinco leguas para ir conversar com um homem de espírito, que não conheço. »

Bem no fundo, Charles Darwin era talvez da opinião de madame Staél. O que tão profundamente o commovia e o interessava na natureza vegetativa e na natureza mineral, que era no fim de contas, senão o mesmo homem, cuja ascendência zoologica, cujas origens cósmicas elle investigava em cada um dos mysterios da criação universal?

Verdadeiramente digno do nosso interesse sobre a superficie da terra não ha senão o ser humano, tanto importa estudá-lo na cellula ancestral, origem comum de todos os seres crêu-

dos, como na sua com que atou o chapéu, para tomar o caminho-de ferro e vir de Rouen a Paris, madame Bovary.

RAMALHO ORTÍZ

Os portuguezes espalhados pelo mundo

Apesar da sua pequena populaçao, Portugal tem cerca de 200000 portuguezes no Brazil, 6000 na Guyana ingleza (Demerara), uns 12000 nos Estados Unidos e 13000 nas ilhas de Sandwich.

Esta populaçao é fornecida pela emigraçao.

Ha tambem colonias portuguezas nas repúblicas da America Central, sendo a do Rio da Prata a mais importante. Isto sem falarmos nos portuguezes residentes nas principaes cidades inglesas e na colonia de Paris.

Descendentes dos antigos conquistadores portuguezes ha ainda no Oriente alguns milhares de individuos, que se consideram portuguezes e conservam as nossas tradições, os nossos appellidos de família e a nossa lingua, embora na sua forma antiga, muito adulterada. Em Bombaim, Ceylão, Malaca e Singapura, por exemplo.

EXPEDIENTE

Como nos annos anteriores, os assignantes e compradores da ILLUSTRAÇÃO encontram à venda, nos escriptorios dos nossos agentes, magnificas capas para encadernar o volume VI - 1889 - da nossa revista.

Em Lisboa: — nos escriptorios da Companhia Nacional Editora, 42, rua da Atalaia.

No Rio de Janeiro: — nos escriptorios do sr. José de Mello, rua da Quitanda, 36.

AS NOSSAS CAPAS

capas para encadernar o 6.º anno da nossa revista, estão à disposição de todos quantos as requisitem, nos escriptorios da COMPANHIA NACIONAL EDITORA, 42, rua da Atalaia, em Lisboa, e nos do Sr. JOSÉ DE MELO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro, nossos agentes geraes em Portugal e Brazil.

PREÇO DAS NOSSAS CAPAS NO PORTUGAL:

LISBOA, 800 réis. — PROVINCIAS, 870

GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Interessante Descoberta Parisiense
da PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES DECISIVOS

Sob forma de Lapis e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumar instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:
VIOLETTE DU ZAR. JOCKEY-CLUB Bouquet.
JASMIN D'ESPAGNE. D'OPONAX Id.
HÉLIOTROPE BLANC. CAROLINE Id.
LILAS DE MAI. MIGNARDISE Id.
FOIN COUPÉ. IMPERATRICE Id.
ORIZA LYS. ORIZA-DERBY Id.
DESCONHECE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A Tudo no Período: a Casa de Informações Parfumarias e Cosméticos.



Aqua do Cetona Imperial. — Saponetti, sabonete de tocador. — Creme Jacobino (Ambergris Cream) Jardim das Rosas. — Crepe de Boreas para unir a pele. — 10 réis. — Cupido (cupido) a orangueira a Cáliz. — St. Ivo (St. Ivo) a flor de laranjeira, para o cabelo e os braços. — Agua d'Athenaeus (agua d'Athenaeus) para perfumar e limpar a cabeca. — Maria Christina. — Positiva. — Banho (bath) a Cintra. — Detritrope Brancos. — Exposito de Paris. — Imperial Russo. — Imperial do Brasil, para o banho. — A agua de Colonia (agua de Baños). — Agua de Cetona o agua do Chipre para o tocador. — Alcohol de Cetona (Cetone), para a pele.

T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

Extratos compósitos

IMPERIAL-RUSSE

ESS. BOUQUET

VICTORIA

CAPRISE

CYPRE

REGUE

PARNAS

W. Bellamy

etc.

Especialidades
de
T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante
de Perfumaria Inglesa
EXTRA-FINA

Extratos compósitos

ELMETHED NEW

NEW-MORN HAY

ETEFIANOID

G-OPONAX

VIOLETA

AIDA

W. ROSE

JUBILEE

etc.

T. JONES

Fluide Latif

Produzido com agua para arrumar, preservar e para os cuidados de rosto adstringente e revivificante.

La Juvenile

Per sem revulsiva mistura cimica para os cuidados de rosto adstringente e revivificante.

Lily Wash

Peru embelezar e suavizar a pele para Homens.

Latif Cream

Conserva-se perfeitamente pelo lado das climas. Supõe-se a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones

Tonic e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samothi

Dentifrice, antisepse, brancador os dentes, lenitivo e calmante e o tartaro.